

**Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em  
instituição do D.F.**

**Brenda Chacon Silvério**

**BRASÍLIA**

**Dezembro, 2023**

**BRENDA CHACON SILVÉRIO**

**Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em  
instituição do D.F.**

Monografia apresentada à Faculdade de  
Psicologia do Centro Universitário de Brasília  
– CEUB como requisito parcial à conclusão  
do curso de Psicologia. Área de concentração:  
Psicologia Clínica.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas  
Cerqueira.

**BRASÍLIA**

**Dezembro, 2023**

**Folha de Avaliação**

Brenda Chacon Silvério

Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em  
instituição do D.F.

Banca Examinadora:

---

**Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB**

Orientadora

---

**Profa. Dra. Tânia Inessa Martins de Resende**

Examinadora

---

**Profa. Me. Livia Campos Silva**

Examinadora

**Brasília**

**Dezembro, 2023**

## Resumo

A morte é inerente ao desenvolvimento humano e as crianças vivenciam diversos tipos de perdas durante a vida. Considerando que a relação que estabelecem com este evento e que os sentidos e significados vivenciados são também marcados por fatores sociais e culturais, este estudo pretendeu investigar a percepção de crianças sobre a morte e o luto, a partir de um contexto de vulnerabilidade social. Desenvolveu-se com base em metodologia qualitativa, utilizando como técnica o grupo focal, com leituras mediadas de contos do livro *Meu filho pato* e perguntas previamente formuladas. Participaram do estudo 8 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 5 e 7 anos, de uma instituição do Distrito Federal. Os resultados foram discutidos a partir da metodologia de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) e demonstraram que as crianças compreendem a morte como um fenômeno inevitável e definitivo, mas que ainda encontram dificuldades em encará-la como evento universal. Além disso, o contexto em que vivem também influencia sua percepção, especialmente os aspectos religiosos/metafísicos e a violência, porém, as privações sofridas não as impedem de constituir sentidos para a morte.

**Palavras-chave:** Morte; Luto; Infância; Vulnerabilidade social; Psicanálise.

### **Abstract**

Death is inherent to human development and children experience various types of losses throughout life. Considering that the relationship they establish with this event and the senses and meanings experienced are also marked by social and cultural factors, this study aimed to investigate children's perception of death and mourning, from a context of social vulnerability. It was developed based on qualitative methodology, using the focus group technique, with mediated readings of stories from the book "Meu filho pato" and previously formulated questions. Eight children, of both sexes, aged between 5 and 7 years, from an institution in the Federal District, participated in the study. The results were discussed based on the Content Analysis methodology (Bardin, 1977) and showed that children understand death as an inevitable and definitive phenomenon, but still find it difficult to face it as a universal event. In addition, the context in which they live also influences their perception, especially religious/metaphysical aspects and violence, however, the deprivations suffered do not prevent them from constituting meanings for death.

**Keywords:** Death; Grief; Childhood; Social vulnerability; Psychoanalysis.

## Agradecimentos

Este trabalho contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

À minha orientadora, professora Áurea Chagas Cerqueira, que de forma paciente e muito acolhedora me ajudou nessa etapa. Obrigada por indicar o melhor caminho para esse trabalho e contribuir significativamente com seu grande conhecimento!

À professora Keyla Cooper, minha parecerista, pelas observações sobre este trabalho, além das indicações ofertadas.

À toda equipe do Centro Socioeducativo no qual esta pesquisa foi desenvolvida, pela disponibilidade, atenção e generosidade com que me receberam. Também aos pais e responsáveis de todas as crianças que participaram e confiaram neste trabalho.

Aos meus amigos e colegas, em especial os que caminharam comigo nesses cinco anos, que foram fundamentais na minha formação - direta ou indiretamente – e compartilharam as dores e as delícias de ser uma estudante de psicologia.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, por falarem comigo desde muito cedo sobre o “fim da vida” e por me proporcionarem tantas oportunidades, inclusive essa. Obrigada por tudo!

Ao meu amor, meu esposo Aluísio, por ser meu apoio nos momentos de desânimo e estresse, por incentivar a alcançar meus objetivos e acreditar no meu potencial. Obrigada!

E a Deus, pelo privilégio e graça da fé que me sustenta diariamente; que guia meus passos, agora também na nova jornada que se inicia.

*É que da bem-aventurança e da alegria na vida há pouco a ser dito enquanto duram; assim como as obras belas e maravilhosas, enquanto perduram para que os olhos as contemplem, são registros de si mesmas; e somente quando correm perigo ou são destruídas é que se transformam em poesia.*  
*(O Silmarillion, J.R.R. Tolkien, 2009, p. 110).*

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	iv
<b>Abstract</b> .....	v
Introdução .....	1
<u>Capítulo 1 - Fundamentação teórica</u> .....	4
1.1 Morte e vulnerabilidade social.....	4
1.2 Morte na contemporaneidade .....	7
1.3 Morte, luto e desenvolvimento.....	8
<u>Capítulo 2 - Metodologia</u> .....	14
2.1 Participantes .....	15
2.2 Instrumentos .....	16
2.3 Procedimentos .....	17
2.3.1 Construção do material de análise .....	18
2.3.2 Análise dos resultados .....	20
<u>Capítulo 3 - Resultados e discussão</u> .....	22
A experiência da morte .....	23
Compreensões sobre a morte.....	25
Aspectos biológicos e morte como processo natural.....	25
Um processo de transição - vida após a morte e o renascimento .....	26
A morte pela ação do outro.....	29
Sentimentos diante da morte e do luto.....	30



Medo.....	30
Felicidade.....	32
Tristeza, pesar e raiva .....	34
Saudade.....	35
Atitudes diante da morte e do luto.....	36
Considerações finais .....	37
Referências.....	43
Anexos .....	50
Anexo 1 - Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura.....	50
Anexo 2 - Parecer Consubstanciado do CEP-CEUB.....	52
Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	56
Anexo 4 - Termo de Assentimento - TALE .....	59
Apêndice 1 - Roteiro do grupo focal.....	61

## Introdução

A morte é um tema que está em toda parte e que comumente pertence mais ao universo dos adultos, envolvendo aspectos pessoais, sociais, físicos e espirituais (Kenyon, 2001). Significa o fim da vida, a destruição, a ruína, o luto profundo (Ferreira, 2011), mas é também um fenômeno natural que deixou de ser um acontecimento público e social para se tornar um drama, cheio de tabus e proibições, principalmente para as crianças (Mello & Baseggio, 2013).

Inerente ao desenvolvimento humano, marca todas as fases de vida que também é permeada pelas mortes simbólicas: das mudanças de casa, dos amigos que se vão, do lugar na família... e que coexistem com sentimentos diversos que definem profundamente a existência (Martins, 2013). Na infância, fase sensível à formação das percepções sobre o mundo, as perdas e ganhos do cotidiano são atravessadas pelas experiências compartilhadas nos círculos sociais, pela cultura, aspectos religiosos e tecnológicos, além dos contextos socioeconômicos (Serêjo, 2018).

No decorrer da vida desta pesquisadora, a morte sempre foi tratada com certa naturalidade, especialmente pelos familiares mais próximos. São acessíveis as lembranças das corridas pelo cemitério numa cidade do interior, local das experiências da infância, durante o velório de algum conhecido, como quem brinca tranquilamente em um parque. Era possível a compreensão sobre aquele evento; era perceptível que todo aquele ritual se associava ao fim, mas essa percepção não causava impressões a ponto de gerar sentimentos confusos ou questionamentos mais complexos. A formação cristã teve contribuição importante para isso: desde o início da vida exposta à imagem do Cristo morto na cruz, exaltado no altar da Igreja e potencializado pela mensagem e lembrança de que aquele fim teve um sentido triunfal e salvífico.

Mas foi exatamente depois de uma missa, na volta para casa, que uma situação causou forte impacto sobre a noção pessoal de finitude. Ao passar por uma casa que queimava, esta pesquisadora soube logo que lá haviam morrido duas crianças pequenas e a avó. Esse episódio trágico produziu a aproximação de uma familiaridade da morte com a consciência de sua realização, porque embora fosse comum o brincar entre os túmulos antigos, o “nunca mais” ainda era ignorado. E mais, havia uma contradição evidente: “como crianças poderiam morrer, se isso é coisa de gente velha?” Assim, a vivência da implicação na possibilidade e as experiências compartilhadas depois nunca mais foram as mesmas.

Esta memória vai ao encontro da ideia de que as crianças vivem a morte sob diversos aspectos e compreender a relação que estabelecem com este evento deve partir de uma consideração sobre quem elas são, uma vez que as percepções estão condicionadas por determinantes discursivos e fatores culturais, políticos e sociais (Katz, 2022). Numa sociologia da morte, Morin (1997) afirma que a sociedade só existe como organização *por, com e na* morte, porque a cultura só tem sentido a partir da morte das antigas gerações e a transmissão incessante aos novos indivíduos. Esse autor salienta que subestimar a presença infantil nessa experiência é negar um reconhecimento que há muito faz parte de sua formação.

Ainda nesse mesmo sentido, Torres (1999) pontua que a morte não é um mistério para a criança e que a infância não é um refúgio onde as dificuldades da vida não penetram. A construção, portanto, de ideais sobre uma infância feliz e o silenciamento sobre a morte é a rejeição do que é inerente à existência em nome de um suposto alívio dos sofrimentos e tristezas provocados pelas perdas.

Se há espaço para a morte no universo infantil, seja como possibilidade ou realidade, perda ou ausência, alguns questionamentos são impostos, como as percepções desses sujeitos sobre o tema, os processos de elaboração de sentidos e significados ou como os fatores

socioculturais podem influenciar esse desenvolvimento. E se a Psicologia (e em especial, a Psicanálise) se ocupa frequentemente da importância do enfrentamento das barreiras, da revelação do que é desconhecido, diante dos conflitos que a morte provoca também é possível que se revele um novo sujeito, produzido num campo social, pela experiência humana, cultural, a partir de fatores determinantes (Cunha & Guazina, 2016).

Além disso, ao contemplar a ideia de que as crianças já sabem, ainda que inconscientemente, sobre os fatos da morte, pode-se conhecer os sentidos de suas ações e da própria vida, garantindo o desenvolvimento de mecanismos interventivos e espaços de escuta atualizados que podem contribuir para a constituição de sujeitos com mais recursos para lidar com aquilo que é real. Reconhece-se, portanto, a necessidade de se falar da morte sem interditos, caracterizando-a como fenômeno universal, inalienável e viabilizando a expressão emocional, a vivência de lutos saudáveis e conseqüentemente, melhor qualidade de vida.

Considerando, portanto, a possibilidade de processos significativos estarem em operação desde cedo (Kastenbaum & Aisenberg, 1983) e que o contexto social coloca à disposição da criança conteúdos que influenciam sua compreensão e subjetividade acerca do tema (Bruner, 1990, apud Nunes et al., 1998), este trabalho se dispôs a investigar como crianças em situação de vulnerabilidade social de uma instituição do Distrito Federal compreendem os conceitos relacionados à morte e ao luto e a identificar as percepções diante de questionamentos relativos, propiciando o conhecimento de semelhanças e diferenças nas respostas e analisando e refletindo sobre os sentidos e significados manifestados.

## Capítulo 1

### Fundamentação teórica

#### 1.1 Morte e vulnerabilidade social

Segundo dados da Organização das Nações Unidas - ONU (ONU, 2022), a pobreza multidimensional afeta cerca de 19,1% da população mundial e dessa porcentagem, metade são crianças menores de 18 anos. Esses números foram agravados durante a pandemia de COVID-19 e no Brasil este cenário não é diferente. Segundo estudo publicado pela Fundação Getúlio Vargas – FGV, intitulado Novo Mapa da Pobreza (FGV, 2022), o país atingiu, em 2021, a marca de quase 30% da população vivendo na linha da pobreza e o mesmo estudo mostra que cerca de 15% da população do Distrito Federal vive essa realidade.

Os dados sobre pobreza na infância e adolescência no Brasil indicam que até 2021, 42,26% das crianças viviam em situação de pobreza monetária e 16,06% em pobreza monetária extrema. No Distrito Federal, são 23,77% das crianças na linha da pobreza e 8,84% em pobreza extrema (UNICEF, 2022).

A pobreza multidimensional está relacionada a 3 indicadores que envolvem saúde, educação e padrão de vida e estes números refletem, portanto, que em algum nível essa população está exposta a diferentes vulnerabilidades, privações e exclusões (ONU, 2022).

Os tipos de vulnerabilidades às quais crianças e adolescentes estão expostos no Brasil são muito semelhantes ao longo do território e podem estar atrelados ao campo individual, social ou programático. A vulnerabilidade individual se refere às informações que o sujeito possui e como ele é capaz de processá-las e tomar decisões práticas, quer dizer, diz respeito à configuração de seu comportamento. A vulnerabilidade programática (ou institucional)

relaciona-se às políticas públicas ofertadas como meio de monitorar e diminuir os agravos (Nunes, 2021; Borges & Fujimori, 2009).

A vulnerabilidade social, aspecto central dessa discussão, pode ser resultado de fatores diversos que expõem à exclusão social, passando por aspectos raciais, de gênero, de trabalho, etc (Nunes, 2021; Borges & Fujimori, 2009). Conceitualmente, Pedersen e Silva (2013) consideram que designa parte de uma população que se encontra em situação desfavorável em relação a outros. Também pode ser definida como um conjunto de circunstâncias, atributos ou processos que atuam como obstáculos potenciais ao exercício dos direitos humanos e objetivos comunitários (Espíndola et al., 2017; Ramos-Ojeda, 2019).

Para Scott, Prola, Siqueira e Pereira (2018), a vulnerabilidade social se manifesta pelo desequilíbrio entre recursos materiais e simbólicos e que, especialmente para a Psicologia, pode ser compreendida a partir da relação do sujeito com os fatores implicados. Quer dizer, também se concentra em fatores emocionais, exposição ao estresse, riscos e ausência de recursos para lidar com essas variáveis (Tuñón & González, 2013).

É evidente, portanto, que existe uma construção multidimensional que atua no processo de exposição do sujeito, ou seja, não está aliada somente às dificuldades de acesso à renda, bens e serviços, mas também às fragilidades dos vínculos e afetos resultantes de tais privações e exclusões. As desigualdades precarizam a estruturação de famílias como instituições de cuidado e proteção, especialmente para as crianças, uma vez que as relações muitas vezes se dão de modo impessoal, impossibilitando um desenvolvimento saudável. (Azevedo, 2006).

Nesse sentido, olhar para este fenômeno social é necessário para compreensão de outros fenômenos psicológicos, uma vez que não se constituem de maneira desarticulada, mas atuam de forma dialética e marcam o processo de subjetivação (Nunes, 2021; Gonçalves & Bock, 2009).

Transpondo essa ideia para o tema deste estudo, se o desenvolvimento do indivíduo passa pela apreensão dos sentidos e significados desenvolvidos ao longo da sua história de vida, a perspectiva infantil dos fenômenos é transposta, portanto, daquilo que constitui seu universo simbólico e a sua percepção sobre a morte também se dará a partir dessa articulação (Aguiar, 2015; Santos, 2022). Podemos considerar que o contexto em que a experiência ocorre influencia a percepção, a exemplo de crianças expostas à morte cotidianamente - como em bairros ligados ao tráfico de drogas e aos combates entre traficantes e polícia - que tendem a percebê-la como algo comum, mas não num sentido de que é natural, e sim, banal (Jucá et al., 2007).

O estudo de Koocher (1973), embora baseado numa perspectiva cognitiva, sugere que as crianças que experienciaram este evento atingem uma concepção mais aprimorada, em um ritmo mais rápido, do que aquelas que nunca estiveram em contato com a morte. Como desdobramento, a pesquisa de Torres (2002) demonstrou que o sofrimento e a ameaça de morte provocam uma percepção mais madura e que as crianças em situação de vulnerabilidade encontram meios, vinculados ao contexto cultural, para simbolizar este evento (Carraher, 1988).

É possível perceber, portanto, que, para compreender a percepção que o indivíduo tem sobre a morte e o luto, devemos considerá-lo como sujeito marcado pela relação entre materialidade e atuação social, aspectos constituintes de seu psiquismo. E, reconhecendo que a morte ganha sentido na fronteira entre a cultura e a subjetividade, assume-se que são pertinentes os estudos acerca da percepção de crianças em situação de vulnerabilidade social sobre este evento e como ela vai se construindo ao longo do desenvolvimento, porque é também a partir do saber desse processo que se poderá acessar de que modo o próprio sentido da vida é constituído.

## 1.2 Morte na contemporaneidade

A morte tem sido tema de investigações e estudos que compartilham compreensões, interpretações e definições diversas, influenciando hábitos, atitudes e comportamentos. Mas falar sobre a morte é aproximar-se da ideia de que ela “nos espreita de fora, de cima, de lado, de dentro” (Kovács, 1992) e da certeza da não imortalidade, da experiência inalienável e que alcançará a todos (Rodrigues, 2021).

A morte é, portanto, um aspecto da vida que se apresenta como um evento conhecido que acontece no mundo e que cada sociedade, comunidade, grupo social, de acordo com sua própria forma, criou dispositivos, ritos, hábitos e técnicas, tornando-a uma experiência também socialmente institucionalizada (Heidegger, 2001; Mattedi & Pereira, 2007).

Kellehear (2016), Ariès (2003) e Elias (2001), embora apresentem diferenças analíticas, trazem panoramas históricos da morte no ocidente que convergem para a ideia de que nas sociedades contemporâneas este evento se tornou oculto e inoportuno, assumindo status de tabu, distante e alheio da vida cotidiana. Kovács (2021), também corrobora tal pensamento apontando para o que chama de “conspiração do silêncio”, que é a proibição de se falar sobre a morte na maioria dos contextos familiares, sociais e institucionais.

Os modos de vida contemporâneos, assim como a filosofia, produzem a morte como um drama que explicita a irreversibilidade do tempo e a fragilidade das relações, potencializados também pelo avanço da medicina que permite dissimulá-la - recolhendo o sujeito em risco de morte para prolongar sua vida a qualquer custo - porque incomoda e de certa forma agride (Lepargneur, 1997).

No entanto, o que diferencia o homem dos animais é também a consciência da finitude e considerá-la experiência oculta e inoportuna, afastando-a para os bastidores do cotidiano a ponto de gerar medo até de dizer o nome, é um desperdício de energia e um retrocesso (Kovács, 1992; Elias, 2001). Esse medo é reflexo de uma incapacidade de controle



sobre o fenômeno e pode ser uma das principais forças que movem o ser humano, produzindo em seu universo simbólico tudo que possa afastá-lo, negá-lo ou vencê-lo (Becker, 1995).

Manifesta-se de maneira universal, inclusive na infância, embora seja atenuado pela incompreensão da irreversibilidade (Kovács, 2008).

Para Parkes (2003) e Laungani e Young (2003), nas culturas ocidentais o temor se aproxima por aspectos que envolvem o declínio da crença na vida após a morte, uma diminuição das famílias e consequente diminuição também do apoio emocional nos momentos de luto, além da dissolução dos sistemas de crenças tradicionais e supressão de rituais, bem como a confiança excessiva na razão.

Mas a morte não pode ser interdita e instala-se o paradoxo em que ao mesmo tempo que é negada como aniquilamento, por reação à própria impotência humana, também é reconhecida como acontecimento (Morin, 1970), inaugurando a morte escancarada que invade a realidade por meio da violência e acidentes comunicados diariamente nos jornais e televisão (Granja, 2013).

Essa morte assistida facilita o processo de negação e na infância, embora as crianças sejam poupadas de vivê-la como evento real, são socializadas em uma cultura que a banaliza (Maranhão, 2008), podendo produzir percepções distorcidas, como uma curiosidade mórbida, satisfeita por meio de relatos pouco realistas e sem qualquer responsabilidade pelos seus efeitos (Young e Papadatou, 2003).

Em suma, atitudes extremistas como o silenciamento e o sensacionalismo denunciam a incapacidade de gerir essa dimensão fundamental da vida e impedem uma realização autêntica da existência porque coisificam o homem (Maranhão, 2008).

### **1.3 Morte, luto e desenvolvimento**

Considerando-se o desenvolvimento humano, a morte está presente desde os primeiros momentos de vida, seja pela assimilação da criança da ausência materna, do afeto,

do brinquedo perdido, seguindo para outros olhares, como a chegada de um irmão e a perda de um lugar, da mudança da escola e a perda dos amigos e dos professores, por exemplo (Lopes, 2013).

A compreensão madura do conceito de morte, segundo a literatura, passa pela apreensão dos subcomponentes relacionados principalmente com o fim das funções biológicas que mantêm a vida (Slaughter & Griffiths, 2007; Harris & Gimenez, 2006) e torna-se importante a distinção a partir de autores diversos (Worden, 1998; Kovács, 2008; Silverman, 2000; Silva, Lopes, Carneiro, & Campelo, 2020; Nagy, 1948), porque não estão à margem de outros aspectos do desenvolvimento e se relacionam também com a “evolução psicológica da morte”, onde a criança passa de um desconhecimento absoluto, até o reconhecimento da morte do outro e de si mesma (Thomas, 1991, 2001; Poch, 2009, citados em Granjeiro, 2013). Assim, apresentam-se quatro subconceitos:

1. **Universalidade:** refere-se à compreensão de que a morte é inevitável para todos os seres vivos, que todas as coisas vivas morrem.
2. **Irreversibilidade:** é o entendimento de que a morte é definitiva e que aqueles que morreram não podem voltar a viver.
3. **Não-funcionalidade:** diz respeito à compreensão de que as funções vitais cessam com a morte.
4. **Causalidade:** refere-se ao que causa a morte.

No entanto, tal proposta desconsidera frequentemente a complexidade do processo e a influência de outros fatores, como a religião e a cultura por exemplo, e que algumas crianças possuem uma visão mais sofisticada da morte e do morrer do que outras (Silva et al., 2020), porque aspectos intrínsecos e extrínsecos experienciados contribuem significativamente nessa apreensão.

Exemplificando tal ideia, a pesquisa de Bering e Bjorklund (2004, citados em Engarhos, 2012) demonstrou a importância das variáveis socio experienciais ao apontar que as crianças entre 3 e 12 anos, que mantêm uma crença religiosa ou espiritual, conseguem distinguir estados fisicamente visíveis daqueles que não podem ser vistos, indicando uma perspectiva dualista. Tal percepção não é inata, no entanto, mas construída pela compreensão do mundo a partir das experiências e manejo dos pais e outras pessoas importantes de seu convívio (Shaffer & Kipp, 2012).

Acerca desse processo, numa perspectiva psicanalítica, Freud (1914) esclarece que o ser humano nasce de um radical desamparo nos âmbitos neurológico, motor e simbólico e que o acolhimento e cuidado por seu semelhante são necessários para que sobreviva. Por suposto, a mãe (a figura materna) se torna seu primeiro objeto de amor, traduzindo suas demandas e o inserindo no campo simbólico.

Nesta relação mãe-bebê se realizará a operação de separação pela figura do pai, iniciando um processo de reconhecimento de incompletude tanto da mãe, quanto da própria criança, e neste momento é necessário que os pais ofereçam recursos simbólicos acerca de aspectos fundamentais, como a sexualidade, sua origem, perdas e morte, uma vez que a ausência destes impactam na constituição da subjetividade (Dolto, 1989; Rosa, 2009).

Isso é importante porque a forma como o vínculo foi estabelecido e como acontecerá a atualização dos modelos poderá impactar no manejo das perdas que a criança sofrerá posteriormente. É a partir das mortes simbólicas - desde a diferenciação da mãe, até uma mudança de cidade, por exemplo - que ela elaborará as mortes reais (Mello & Baseggio, 2013).

Sendo a morte um significante primordial, surgem demandas reflexivas acerca da finitude confrontada na infância e como se dá o processo formativo de atribuição de significados, ainda que limitadas por um raciocínio simples, mas que não invalida a

experiência subjetiva. Porém, ela se enquadra na categoria do “assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1919, p. 238) e muitas vezes fica no campo do não-dito, colocada de lado, eliminada da vida, porque é inconcebível e porque no fundo, no inconsciente, todos nós estamos convencidos de nossa própria imortalidade (Freud, 1915).

Contudo, apesar de não ser assunto constante que permeia os pensamentos da humanidade, situações em que a morte se mostra numa realidade próxima despertam angústias e reflexões acerca da finitude. Esse medo primitivo que retorna pela provocação é o afeto que pertence a um impulso emocional que foi reprimido (Freud, 1919). Em relação ao público infantil, o trabalho psicanalítico nos aponta que não há como encobrir os fatos e que ainda que não se manifestem verbalmente, certamente serão articulados e manifestados de outras formas (Rodrigues, 2021).

Enfrentar a morte é doloroso a todos, mas uma experiência singular que exige um tempo próprio a cada sujeito. Para a elaboração da perda, instala-se o processo do luto, que consiste no desligamento da libido das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido (Cavalcanti, Samczuk & Bonfim, 2013), quer dizer, é uma reação à perda de um ente querido ou de alguma abstração que ocupou o lugar desse ente (Freud, 1919). Mas a vivência desse processo exige a vinculação a outros fatores, como o conhecimento que permite o amparo necessário e que se estabelece pela linguagem que marca o sujeito (Cavalcanti, Samczuk & Bonfim, 2013; Dolto, 2002).

A título de exemplo, Ramos e Sengik (2013) apresentaram em sua pesquisa o caso de uma criança de 3 anos que perdeu o avô com quem tinha um vínculo afetivo e que passou a se comportar de modo agressivo e ansioso após esse episódio. Os pais, apesar da criança falar no avô a todo momento, não conseguiam dar nenhuma resposta significativa sobre o que havia acontecido, mas ele, sem pudores, ao chegar à sessão, informou que tinha ido até lá

para falar sobre o *nono* que tinha ido para o céu e que queria que ele voltasse. Quer dizer, sua fala revela uma dificuldade de representação e um desejo incompatível com a realidade, manifestado no comportamento referido.

Ainda que sob uma visão mais dinâmica que estrutural, Melanie Klein (1940) atenta-se ao pensamento freudiano, ao trabalhar o desligamento da libido no processo do luto, enfatizando que o teste de realidade confirma que o objeto não existe mais e as lembranças e expectativas que demonstram esse apego passam por esse confronto. Essa é a forma que a criança utiliza para testar seu mundo interior a partir da realidade externa. E se na sua fantasia, acredita que o mundo interno foi destruído, o processo do luto consistirá na sua reestruturação.

Se a criança é um ser que percebe e intui, necessita da articulação de significantes que advém do outro (porque lhe falta nomeação) e quando encontra o silêncio, pode revelar seu saber inconsciente pela via do sintoma, da angústia ou da inibição (Rosa, 2009). As motivações para essa omissão podem estar centradas na cultura ocidental, que reconhece a morte como evento assustador e sinônimo de impotência e fracasso, como aponta Paiva (2011) ou ainda ter origem numa imaginação acerca da falta de controle sobre o que é dito, quer dizer, não há como saber o efeito do que é falado (Rosa, 2009).

Silencia-se, portanto, um evento natural como tentativa de afastar suas consequências, mas pela equiparação que o adulto faz de suas percepções com as da criança, desconsiderando sua capacidade e autonomia para buscar significações nas sensações e experiências, resultando num intumescimento da imaginação que afeta a compreensão (Katz, 2022).

O estudo antropológico de Cohn (2013), bem como a pesquisa psicanalítica, entende que a criança atua claramente em resposta ao modo como se constitui a sua infância e que, atuante a partir deste lugar (na cultura e na própria família), age expandindo-o, ocupando-o

ou negando-o. A relação da percepção da morte e do morrer passa, portanto, pela experiência da infância articulada com fatores diversos que influenciam os modos de vida, impactados também pelos discursos sociais.

Quando se trata de crianças em situação de vulnerabilidade social, frequentemente fala-se de uma “infância roubada” - que advém da tentativa de negar o fato de que há um fracasso coletivo para cumprir o ideal de abrigo e cuidado exigentes, mas que se manifesta (esse ideal) nas justificativas sobre o silenciamento acerca da morte.

Nesse sentido, a construção de espaços de escuta torna-se primordial para a compreensão do que as crianças produzem sobre o tema a partir dessa experiência de ausência - muitas vezes voluntária - de proteção social e de recursos simbólicos (Katz, 2022). Por que crescem num paradoxo: ao mesmo tempo que são assediadas por imagens nas mídias sobre a morte de desconhecidos, distantes geograficamente, deparam-se com a mesma possibilidade na rua em que moram (Kovács, 2015) e produzem como consequência, também pelo não-dito, a concepção de que suas vidas não valem nada e que, por isso, a morte também não dói (Katz, 2022).

Há efeitos da negligência, portanto, nos modos de subjetivação e que não devem ser dissociados da prática clínica, porque é necessário que se compreenda de qual criança se fala quando se dirigem os cuidados, uma vez que a relação entre a morte e o meio social não se perde (Santos, 2022).

O papel da Psicologia torna-se assim, nesse contexto, o de ser conciliadora do olhar crítico exigido e a magnitude terapêutica, criando estratégias que permitam a constituição de sujeitos de direito que consigam olhar para a própria vida com o valor merecido, a partir também de um lugar socialmente legítimo da morte e do luto (Gonçalves, 2010), uma vez que são experiências que promovem a construção social a partir de uma perda (Rodrigues, 2021).

## Capítulo 2

### Metodologia

Esta pesquisa partiu de uma abordagem qualitativa, uma vez necessária para abranger dados relacionados aos fenômenos vinculados ao contexto dos sujeitos, seus relacionamentos e percepções da realidade (Silva, 2010). Os métodos qualitativos são frequentemente descritos como abordagens empíricas distintas voltadas para os chamados "fenômenos humanos". Eles se afastam da conexão tradicional com aspectos empíricos como medição e controle (Holanda, 2006) e buscam aprofundar a compreensão de problemas, pessoas e relacionamentos (Minayo e Sanches, 1993).

De acordo com Yin (2016), a pesquisa qualitativa possui cinco características: estuda o significado da vida das pessoas em condições reais; representa as opiniões e perspectivas das pessoas estudadas; considera as condições contextuais em que as pessoas vivem; fornece *insights* sobre conceitos existentes ou emergentes que ajudam a explicar o comportamento social humano; e utiliza várias fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte.

Na psicologia, o estudo de determinantes qualitativos envolve a busca e explicação de processos que não são facilmente acessíveis e que existem em inter-relações complexas e dinâmicas que exigem um estudo abrangente, em vez de serem fragmentados em variáveis (Gonzales Rey, 1999). Dessa forma, a utilização de uma metodologia qualitativa para esta pesquisa permitiu a investigação dos valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões dos sujeitos, a fim de compreender os sentidos e significados da experiência vivenciada.

## 2.1 Participantes

Foram convidados para participar desta pesquisa 8 (oito) crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 5 a 7 anos, frequentadores da instituição Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, localizado no Guará II -- DF, conforme Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura, assinado previamente (Anexo 1). Todas as crianças estudam em escolas públicas de Ensino Fundamental e Pré-Escola e frequentam o centro socioeducativo no contraturno.

Esta instituição tem por característica o acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e, a partir de projetos socioeducativos e culturais, desenvolve noções de cidadania e garantia dos direitos humanos. Assim, os participantes foram selecionados por conveniência, a partir da interação prévia com a responsável pela instituição e a psicopedagoga, além da anuência prévia dos responsáveis.

Por ser uma instituição que atua com assistência social, o acesso às informações sobre os participantes foi limitado. Dessa forma, as descrições que seguem contemplam o que foi possível conhecer sobre os participantes e, visando proteger sua privacidade e o sigilo ético, foram utilizados nomes fictícios para designá-los na análise dos dados, nomes que foram escolhidos por eles mesmos, a partir de uma atividade de aquecimento realizada antes do primeiro encontro.

O primeiro participante, Cleitinho, tem 7 anos. Demonstrou extroversão, grande energia e dificuldade em manter a atenção durante os encontros, com falas frequentemente direcionadas a um dos colegas e pouca desenvoltura para falar de si mesmo.

A participante Valentina tem 6 anos e mostrou-se bastante introspectiva e pouco disponível para falar, necessitando de estímulos e provocações durante as conversas para elaborar seus pensamentos e sentimentos.



A participante Ariel era a mais nova do grupo, com 5 anos. Durante os encontros demonstrou entusiasmo para participar das atividades e boa capacidade imaginativa, porém, com dificuldade acerca dos conceitos, com frequentes fugas do tema.

O participante Thor tem 7 anos e demonstrou um comportamento calmo e tranquilo durante todo o processo, além de boa capacidade de comunicação e de elaboração das respostas.

A participante Duda tem 7 anos e, embora tenha demonstrado certa introspecção inicialmente, revelou uma alta sensibilidade acerca do tema, produzindo respostas complexas e boa percepção da realidade.

A participante Vandinha tem 6 anos e revelou grande capacidade de se expressar. Embora não tenha falado muito durante os encontros, posicionou-se sempre com segurança e altivez.

O participante Juninho tem 7 anos. Durante os encontros mostrou-se mais quieto, embora tenha respondido às perguntas elaboradas. Revelou certa melancolia e sensibilidade ao tratar do tema, especialmente pelas experiências de morte já vividas e sua notável posição religiosa.

Por fim, a participante Júlia, de 6 anos, que também se mostrou bastante introspectiva e pouco comunicativa. Participou somente do primeiro encontro e revelou pouca familiaridade com o tema.

## **2.2 Instrumentos**

Instrumentos de pesquisa são indutores da interação, isto é, formas de estabelecer um certo tipo de interação e não possuem um fim em si mesmos (Pinto, 2004; Madureira & Branco, 2001). Para a realização desta pesquisa, foi utilizado um Roteiro do grupo focal (Apêndice 1).

O Roteiro do grupo focal é um elemento importante que permitiu nortear o grupo para os pontos fundamentais da pesquisa (Souza, 2019). Para este estudo, foram elaboradas questões envolvendo histórias selecionadas, a partir do livro “Meu filho pato - e mais contos sobre o que ninguém quer falar”. da editora Companhia das Letrinhas. Esta obra, organizada por Ilan Brenman e lançada em 2011, contém 6 contos produzidos com apoio da instituição 4 Estações Instituto de Psicologia. O autor - em parceria com outros escritores e psicólogos especialistas em situações de perda, morte e luto - elaborou histórias sobre a morte para as crianças com o intuito de que o livro seja instrumento para falar desse tema, a partir de diversos gêneros e sentimentos manifestados, como o humor, a tristeza, a raiva, entre outros.

Foram selecionados para esta pesquisa os contos “Os pensamentos da bexiga murcha”, “Meu filho pato” e “Vira-vira”. O primeiro retrata a morte de forma metafórica, a partir das percepções de uma bexiga sobre sua existência e sentimentos de alegria e tristeza, culminando no fim do seu ciclo de vida de maneira natural e tranquila. O segundo conto, num sentido diferente do primeiro, relata a morte a partir de uma ação do outro, quer dizer, de forma não natural: é a história de um pato adotado como “filho de estimação” por uma mulher que um dia, ao retornar do dentista, encontra o cachorro vomitando penas por ter comido o companheiro. Por fim, o último conto, na verdade se trata de um poema que revela a morte sob vários aspectos, simbólicos e reais, seja pela noite que se vai para nascer o dia, por exemplo, até uma pessoa querida que morre e nasce para outra vida.

### **2.3 Procedimentos**

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CAAE 70883923.1.000.0023), conforme Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Anexo 2).

### 2.3.1 Construção do material de análise

Como procedimento, optou-se pela técnica do grupo focal, que é uma ferramenta de pesquisa para coleta de dados a partir da interação de um grupo acerca de um tópico específico proposto pelo pesquisador, conforme afirma Morgan (1996, citado por Souza, 2019). O papel da pesquisadora no grupo focal foi o de facilitar a discussão, possibilitando condições para compartilhamento de consensos e discordâncias e a troca de experiências (Gondim, 2002). Assim, permitiu a captação de detalhes das falas nos relatos das percepções dos participantes, uma vez que esta técnica é adequada para investigações mais minuciosas (Gomes, Teles & Robalo, 2009).

Considerando-se o cunho qualitativo deste estudo e a busca pela compreensão acerca de uma realidade social de um determinado grupo, a utilização do grupo focal tornou-se vantajosa porque contribuiu para o acesso àqueles que poderiam se sentir mais inibidos numa abordagem individual e, especificamente para populações em situação de vulnerabilidade, o ambiente de grupo favoreceu a aproximação com temas delicados (Souza, 2019).

Além disso, também permitiu uma flexibilidade no processo de coleta de dados, favorecida pela relação entre os participantes (Nicaretta, 2013), além do ganho de tempo, qualidade e quantidade de informações obtidas com poucos recursos financeiros (Gatti, 2005, citado por Silva, Schwertner & Zanelatto, 2019).

Assim, utilizando-se tal técnica, esta pesquisa buscou compreender as percepções de crianças em situação de vulnerabilidade social acerca da morte e do luto, a partir das leituras de contos do livro *Meu filho pato* e das respostas e discussões fomentadas em sequência. Posteriormente, os conteúdos fornecidos foram analisados.

Os participantes foram contactados através da própria instituição em que se deu a pesquisa, por intermédio da orientadora pedagógica e da responsável geral. Os responsáveis foram informados previamente acerca de aspectos como o voluntariado da pesquisa, sigilo,

riscos envolvidos, possibilidade de desistência, objetivos e procedimentos e, em seguida, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 3) para assinatura.

Uma vez obtida a autorização dos responsáveis para a realização da pesquisa, foram agendados, juntamente aos preceptores, os dias e horários de realização dos 3 encontros para as leituras dos contos do livro *Meu filho pato*.

Antes do início da realização do grupo focal, foi apresentado aos participantes, pela pesquisadora assistente, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Anexo 4), de forma verbal, adequando a linguagem a sua capacidade de compreensão e entendimento, e colhidas as assinaturas das crianças. Durante os encontros, os participantes foram distribuídos em 2 mesas circulares, sentados em cadeiras, de forma que pudessem visualizar a pesquisadora. Em seguida, foram distribuídos papéis e lápis de cor para realização de atividades de aquecimento ou de encerramento.

No primeiro encontro, para aquecimento, os participantes receberam uma folha com o desenho de um balão, o qual deveriam pintar e escolher um nome. Finalizada a atividade, foi realizada a leitura do conto “Os pensamentos da bexiga murcha”, seguindo para a conversa a partir do roteiro.

No segundo encontro, os participantes receberam um papel com o desenho de um cachorro para montagem de uma espécie de origami, porém, somente após a leitura do conto “Meu filho pato”.

No terceiro e último dia, após leitura do conto “Vira-vira”, os participantes receberam um papel com moldura para realização de um desenho livre, para encerramento das atividades. O mesmo procedimento foi realizado após as leituras dos contos, ou seja, foram feitas as perguntas constantes nos roteiros e estimuladas as conversas e interações.

Todo o procedimento foi registrado em áudio, a partir de aparelhos eletrônicos, como celular e notebook, e os conteúdos foram posteriormente transcritos para análise e discussão.

### 2.3.2 Análise dos resultados

Para a análise dos resultados, foi empregada a metodologia de Análise de conteúdo (Bardin, 1977), que consiste em uma forma de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de quaisquer tipos de documentos e textos. Essa análise, que conduz a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, auxilia a reinterpretar as mensagens e a alcançar uma compreensão de seus sentidos em um nível que ultrapassa uma leitura comum. [...] A análise de conteúdo, em sua abordagem qualitativa, se baseia em uma série de pressupostos, os quais, na avaliação de um texto, servem de apoio para captar seu sentido simbólico. (Moraes, 1999).

Bardin (1977) considera a Análise de conteúdo, em última instância, um esforço de interpretação que varia entre o rigor da objetividade e a riqueza da subjetividade, e que a sua utilização envolve três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação.

Na fase de pré-análise, o material a ser analisado é organizado a fim de se tornar operacional, a partir da sistematização das ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: (a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise (Bardin, 1977, citada em Mozzato & Grzybovski, 2011).

Na segunda fase, a de exploração do material, são realizadas as escolhas das unidades de codificação e categorização que permitem reunir informações por meio de uma esquematização e correlação de classes de acontecimentos para ordená-los com as unidades de codificação escolhida. Segue-se, assim, para a classificação em blocos que expressam

determinadas categorias que confirmam ou modificam aquelas, presentes nas hipóteses e referenciais teóricos inicialmente propostos e assim, num movimento contínuo da teoria para os dados e vice-versa, as categorias vão se tornando cada vez mais claras e apropriadas aos propósitos do estudo (Bardin, 1977 citada em Câmara, 2013).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, citada em Mozzato & Grzybovski, 2011).

Assim, amparada por tal técnica e considerando os objetivos explicitados desta pesquisa, os dados foram analisados respeitando-se os limites do contexto em que se apresentaram, bem como a natureza de todo o material, a fim de compreender as percepções acerca de morte e luto em crianças em situação de vulnerabilidade social.

## Capítulo 3

### Resultados e discussão

Os resultados aqui apresentados partem inicialmente de uma preocupação com o sigilo dos participantes e por isso foram escolhidos nomes fictícios para identificá-los. Essa escolha se deu, de fato, por eles mesmos, ao nomearem suas bexigas na atividade de aquecimento durante o primeiro encontro e refletem, de alguma maneira, seus gostos, personalidades e interesses. Assim, falaremos a seguir das percepções, sentimentos, pensamentos e experiências de Cleitinho, Valentina, Ariel, Thor, Duda, Vandinha, Juninho e Júlia.

Os contos escolhidos para este trabalho retratam a morte sob diferentes perspectivas e o roteiro com as perguntas reflete questionamentos acerca da percepção da morte e do luto como um processo natural (Os pensamentos da bexiga murcha), como um evento produzido pela ação do outro (Meu filho pato), ou ainda por aspectos simbólicos e reais (Vira-vira). As perguntas elaboradas permitiram a exploração do tema e identificação dos conteúdos emergentes e com sentido comum em relação ao objetivo deste estudo.

Ficou evidente para esta pesquisadora ao longo dos encontros que as crianças são, de fato, seres que percebem e intuem (Rosa, 2009) e que a relação que estabelecem com a morte, articulada com os diversos fatores que influenciam seus modos de vida, permite que atuem expandindo, ocupando ou negando o que comumente já compreendemos. Dessa forma, aspectos biológicos, psicológicos, culturais, espirituais e antropológicos contribuem para a construção do que as crianças entendem sobre a finitude. As falas dos participantes foram analisadas a partir das seguintes categorias: a experiência da morte, compreensões sobre a

morte (aspectos biológicos, morte como processo natural, morte como um processo de transição, morte e renascimento, morte pela ação do outro e vida após a morte), sentimentos diante da morte e do luto e atitudes diante da morte e do luto.

### **A experiência da morte**

Antes de discorrer acerca dos diversos aspectos da morte, é importante a compreensão sobre quem são os participantes e de onde partem as suas percepções. Destaca-se, de início, nesta seção, a fala de Juninho, expressada já no final do primeiro encontro, mas que reflete a praticidade com que as crianças podem elaborar sobre este evento e a ciclicidade do processo de existir. Disse ele “Toda vez que alguém morre, nasce um bebê. [...] Morre um, nasce um, morre um, nasce um.” Sua explicação constrange as filosofias contemporâneas que tratam a morte como drama e tentam ocultá-la, como denuncia Lepargneur (1997).

Sua naturalidade para discorrer sobre este tema, assim como a dos outros participantes, ficou marcada em todos os encontros. Considera-se que a proximidade se dá pela experiência vivida pela maioria e foi possível perceber como algumas crianças apresentam uma visão mais refinada que outras, como já apontado por Koocher (1973) em sua pesquisa.

Ao serem diretamente questionados com a seguinte pergunta “Quem aqui já viu alguém ou alguma coisa morrer?”, Ariel, Vandinha, Juninho, Cleitinho e Duda responderam prontamente com exemplos de animais, como gatos, cachorros, hamsters e até macacos. Cleitinho trouxe mais detalhes de um episódio que parece ter lhe impressionado: “Meu tio matou uma galinha com uma faca. No coração.” Contou outra vez sobre este fato posteriormente, mas não soube elaborar sobre a cena, esquivando-se da lembrança: “Eu não vi”, disse ele. Tal comportamento, a negação, parece ser o medo primitivo retornado pela provocação (Freud, 1919).



Por outro lado, Thor compartilhou sua experiência com a morte de um familiar: “Tia, eu tô pensando nele agora, no meu tio [...] Eu tô pensando na última vez que eu vi ele... Eu e minha mãe, a gente ligou pra ele...”. Sua fala revela uma angústia que é própria da existência, porque parte de um vínculo muito próximo e que também é a única possibilidade de experiência de morte em vida, que não a própria morte física (Kóvacs, 2015). Para Becker (1991), a angústia diante da morte se dá pela certeza de que um dia também nós iremos morrer. É a angústia da separação e da castração.

Para Duda, à primeira vista a experiência da morte era algo inexistente: “Ô tia, eu nunca perdi ninguém próximo”. Em seguida, provocada por Vandinha, lembrou-se de uma tia que morreu quando ainda era bebê: “Mas teve...É porque a minha tia, ela já morreu, só que tem muito tempo. Eu tinha 6 meses, eu era muito bebezinha. Por isso que eu falei que ninguém da minha família morreu”. Em seguida, contou como tudo aconteceu.

Neste caso, observamos duas questões importantes: a primeira diz respeito a como o vínculo com a pessoa que morreu impacta sua maneira como a morte é percebida, e a segunda é que sua experiência advém dos significantes do outro. Sobre o primeiro ponto, Bowlby (2006) afirma que o vínculo é um laço perene que se estabelece com o indivíduo e a reação de Duda diante da informação sobre a morte da tia parece não a impactar profundamente, pela ausência afetiva com este ente. Por outro lado, se a criança vive a morte desde o seu nascimento, para Duda essa também impacta seu psiquismo - ainda que a negue como evento concreto - e o elabore simbolicamente.

Também Vandinha dividiu sua experiência com o grupo: “Tia, meu avô morreu quando eu tava na barriga da minha mãe ainda” e “Ah, já faz umas 6 semanas que a minha vó morreu também”. Não sabemos ao certo como era o vínculo desta participante com sua avó, mas parece que o tempo não teve efeitos sobre suas reações. Contou sobre as duas

experiências com a mesma naturalidade, como se passasse pelo teste de realidade da não-existência dos objetos (Freud, 1996).

## **Compreensões sobre a morte**

### **Aspectos biológicos e morte como processo natural**

A morte como um processo natural, segundo Kubler-Ross (1991), configura-se como aquela que não ocorre por acidente ou doença, mas que se dá pela deterioração (ou falta de regeneração) biológica. Quer dizer, aproxima-se também do processo de envelhecimento e do sentimento de impotência, assim como ocorre com Belinda no conto, quando perde o jeito tenso e adquire uma aparência diferente, enrugada e relaxada... “A flacidez foi uma benção em sua vida”. Morre então feliz e sem suas angústias.

Essa percepção da relação entre envelhecimento e morte foi trazida pelo participante Thor, que afirmou “Ela precisava descansar... Quando você tiver velhinho, você [também] vai morrer” e completada por Duda “...ela queria descansar, porque ela tava muito velhinha”. Também Cleitinho compartilhou da mesma percepção: “Porque ela ficou velhinha”, respondendo sobre a motivação da morte de Belinda. Assim, a morte como um evento natural também é compreendida como um descanso desejável.

É nítida a compreensão da morte para esses participantes, porém, quando estruturam o conceito de morte natural, tornam evidentes, nas sequências discursivas, que ela pertence a essa fase da vida, a velhice, e que a morte para alguém mais jovem, por exemplo, é negada enquanto possibilidade porque é uma interrupção inesperada. Para Freud (1915), caracteriza-se assim porque é inconcebível e porque no inconsciente estamos todos convencidos da própria imortalidade.

A deterioração pontuada por Kubler-Ross (1991) também ficou evidente na fala de Thor, quando questionado sobre o que acontece quando alguém morre: “vira cinza!”. Mas para Vandinha esta constatação não é clara: “A pessoa não fica com a pele cinza não! Ela fica

com a mesma pele!”, ao que Thor explica: “A pessoa vai... O corpo da pessoa vai virar cinza”. Em seguida, Cleitinho completa: “Ah tá! É por isso! Aí tem o sangue que vai lá pro céu também e depois vira cinza. É o sangue que sai do coração, vira cinza”.

É inevitável a referência ao versículo bíblico encontrado em Gênesis, 3,19: “Lembra-te que és pó e ao pó voltarás” e faz sentido o apelo a esse recurso mítico-religioso, porque responde de maneira particular sobre a necessidade de retorno a um estado anterior das coisas, que é como a busca pela parte perdida de si (Freud, 1920), quer dizer, há um devir mesmo na morte.

### **Um processo de transição - vida após a morte e o renascimento**

A morte como um processo de transição comumente apresenta-se sob um viés religioso-metafísico, em que a morte é considerada uma mudança para algo novo e não um fim definitivo (Roazzi, Dias e Roazzi, 2010) e que tem forte influência cultural. Manifestou-se essa compreensão nas seguintes falas destacadas: “Tia, o pato tá lá em cima! Lá no céu.” (Cleitinho), “Ele foi [para o céu], tia” (Ariel) e “Aí algumas delas [pessoas] vão para o céu” (Cleitinho), “Pra mim as pessoas vão para o céu” (Duda).

O céu, considerado como um destino para aqueles que morrem (tanto animais, como pessoas) denota a necessidade de consolo diante do confronto com a finitude, e o cristianismo oferece essa via em que serão realizadas as aspirações humanas mais importantes, porque significa também a salvação por meio da figura de Deus: “...a gente vai morar com Deus” (Thor), “Se eu morrer aí eu fico com Deus lá” (Ariel). Para Juninho, surgiu como um desejo: “Eu quero morrer e ficar com Deus lá”, que em um viés psicanalítico pode ser entendido como a releitura da relação do homem com o pai primordial e da relação da criança com o próprio pai (Nakasu, 2010).

A figura de Deus surge como um ser relacional, um modelo de confiança e proteção muito familiar, como bem explicou Thor “Minha vó morreu e o meu tio, eles estão

descansando. Eles voltaram pra casa”. O “voltar pra casa” é significativo aqui, porque explicita uma ideia de continuação de um sentido de viver em segurança, o retorno ao corpo celeste, divino, porque estamos destinados à falta (Mohr & Santos, 2018).

A morte prevalece, portanto, como experiência de impotência e desamparo porque faz frente ao desconhecido, mas as fantasias inconscientes produzem a possibilidade do reencontro, não somente com Deus, mas também com aquelas pessoas mais caras para a criança (Kóvacs, 2015), como bem pontuaram Ariel “Aí se eu morrer eu fico lá com a minha mãe” e Juninho “Quando eu morrer eu vou encontrar meu pai e a minha vó”.

Ademais, alguns compreendem que os vínculos permanecem, como questionou Duda: “Tia, não é verdade que quando eles morrerem, nós vamos visitar e eles vão lembrar da gente?”, assim como Vandinha “Mas ela vai lembrar da própria filha dela”. A carência da lembrança é, na verdade, pelo reconhecimento de si mesmo e aqui apelo a Lacan (2008) porque: “o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro”.

Se a existência de uma vida após a morte é unânime entre os participantes, não se pode dizer o mesmo acerca de suas explicações sobre como se dá a existência num outro plano. Para Cleitinho, “vira uma estrelinha quando morrer”. Também é assim para Valentina: “minha bisavó virou uma estrelinha!”. Já para Vandinha, parece haver dúvida, porque afirmou, num primeiro momento, “eu não sei muito bem, mas minha vó morreu e virou uma estrela”, para em seguida, dizer com confiança: “a gente vira fantasma”.

A existência de uma alma ou espírito também foi trazida por Duda “ela tinha espírito”, referindo-se à bexiga. Juninho demonstrou confusão: “eles viraram estrela e a alma deles foi pra Deus”. Para Ariel, parece não haver clareza, ao que afirmou “A minha vó morreu e ela depois virou uma menina obediente! E o meu avô depois que... meu avô morreu e virou um coração”.

É muito frequente que quando se fala de morte com crianças, utilizem-se metáforas que possam colaborar com a compreensão sobre o fenômeno e também confortá-las (Thomaz, 2020). Fica evidente que os participantes, em algum momento, receberam informações sobre a morte pelo uso de bordões (ele ou ela virou “estrelinha”, por exemplo), mas que não alcançaram outros aspectos intrínsecos e extrínsecos já experienciados, resultando em construções atravessadas por hipóteses que unem o ordinário aos elementos culturais mais sofisticados a que têm acesso.

O diálogo entre Duda e Thor durante o primeiro encontro reflete bem isso:

Duda: - Tia, calma. Ela então é o ar. O espírito dela é o ar. Por quê... a gente não enche o balão com ar?

Thor: - Tia, então quer dizer que a gente vai ficar no ar.

Duda: - Se uma hora ela esperar... o ar dela, o espírito dela vai voltar.

Thor: - É o ar, o ar dela espalhando por aí.

Duda: - Vai voltar pra boca de quem soprou.

Thor: - Ela já tá por aí...

O caráter simbólico, quase poético, emerge profundamente nesta conversa e traz os diversos elementos utilizados pelos participantes para explicar a morte, referidos anteriormente: a existência de um “ser superior” que dá a vida, o aspecto relacional entre esse criador e sua criatura e o destino inevitável - o retorno à origem.

A ideia de retorno também se apresentou associada à manutenção da vida para alguns participantes. Juninho, numa explicação simplista sobre a ciclicidade da existência, afirmou: “Toda vez que alguém morre, nasce um bebê. Não existe mais pessoas no mundo, porque todo dia nasce uma pessoa. Morre um, nasce um, morre um, nasce um”. Duda, sobre a história do pato comido pelo cachorro, disse: “Ele virou [adubo], tia!”. Esta dialética entre

finitude e vida vai ao encontro do sentido da morte que há na cultura, que para Morin (1997), se dá pelo fim das antigas gerações e sua transmissão aos novos indivíduos.

### **A morte pela ação do outro**

Este tema surgiu especialmente durante o terceiro encontro, em que se apresentaram versos que tratavam de aspectos simbólicos e reais. Foram interessantes as respostas declaradas a partir da pergunta “O que faz as coisas morrerem?”, porque evidenciaram um aspecto sócio experiencial que não havia ficado explícito anteriormente: a morte por uma ação do outro.

Vandinha respondeu: “um acidente, tiro!”. Cleitinho disse: “faca!” e “atropelamento... Levar uma pazada na cabeça!”. Juninho disse “atropelamento” e Thor, “acidente, foi o caso do meu tio que morreu”. Para todas as respostas formuladas, a morte se dá pela presença de um sujeito que a provoca ou vivencia. Não foram considerados outros aspectos, como tempo, doenças fatais, suicídio ou até mesmo Deus.

Podemos atribuir suas respostas à exposição à violência a que estão submetidos, tanto pela mídia que a escancara, quanto pelo próprio contexto em que vivem (Granja, 2013), uma vez que estão também imersos em uma cultura que a banaliza (Maranhão, 2008).

Sobre a banalização, cabe destacar um curioso momento ocorrido durante o terceiro encontro, no qual Duda explicava a morte da tia que, segundo ela, era moradora de uma comunidade do Rio de Janeiro: “[...]a minha tia, ela não é muito... aceita. [...]Sabe uma pessoa do morro?”. Ao ouvirem a palavra “morro”, Thor e Vandinha reagiram imediatamente e iniciaram um dueto, cantando um funk que dizia o seguinte: “*Subiu lá no morro pra correr perigo. Que ela se amarra lá em um bandido*”.

Questionados sobre o significado da música, não souberam responder e seguiram cantando uma letra que fazia alusão a uma mulher bonita e “pouco inocente”. Mas em uma

rápida pesquisa da letra original da canção, ficou evidente a ostentação da violência: “*Vou te apresentar minha Glock de trinta tiro (é trinta). Duvido, garota, você não ficar comigo*”.

Os efeitos fisiológicos e psicológicos do funk foram relatados na pesquisa de Barja e Teixeira (2011) e demonstraram que, após exposição a músicas desse estilo, as crianças elaboraram desenhos livres que mostravam cenas de assalto, violência e morte. Quer dizer, é evidente que a percepção sobre este evento e a construção dos significantes também está relacionada aos estímulos que recebem, que corroboram com sua vulgarização. Ademais, também permite questionarmos de que modo estão construindo o próprio sentido de suas vidas.

Assim, embora a *morte pela ação do outro* seja diferente da *morte do outro*, é possível relacioná-las, porque a morte natural ficou esquecida como viável, indicando que a universalidade não é compreendida plenamente, o que contraria a ideia defendida por Kóvac (2015) de que a consciência da própria morte advém da experiência da morte que não é a sua. Quer dizer, apesar de entenderem o caráter irreversível e de vivenciarem cotidianamente este evento, encontram dificuldades para encará-la como possibilidade pessoal.

## **Sentimentos diante da morte e do luto**

### **Medo**

Dos sentimentos relacionados à morte, o medo prevaleceu, ao se explorarem aqueles relacionados à Belinda, no conto “Os pensamentos da bexiga murcha”. Nele, a personagem principal revela um grande medo de morrer, porque “podia estourar por qualquer coisinha” e, conseqüentemente, também tinha medo de viver, desejando frequentemente que sua existência ficasse restrita ao cilindro de ferro no qual estava amarrada. Assim, as crianças foram questionadas com as seguintes perguntas: “Por que Belinda tinha muito medo e ficava preocupada?”, “Como Belinda se sentiu quando a menina a soltou e ela saiu voando?”, “O que vocês acham que Belinda pensou quando o menino conseguiu pegá-la e a abraçou?”.

Para Freud (1976, p. 302), “não é motivo de surpresa o fato de que o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação”. Confrontados diretamente com a pergunta “Quem tem medo de morrer?”, Duda respondeu que “todo mundo tem medo de morrer... eu tenho”, assim como Cleitinho, que afirmou “eu tenho um pouco de medo” e Thor, que revelou “eu tenho medo de morrer de acidente de carro. Meu tio morreu sábado passado de acidente de carro”.

Esse medo, para Becker (1991), reflete a ausência de controle sobre o evento e que a tendência é que se produza simbolicamente meios de afastá-lo, negá-lo ou vencê-lo, como revelou a fala da participante Ariel sobre Belinda: “Eu não achei ela com medo. Eu achei que ela ia ter uma vida só com Deus” e completou “Eu não tenho medo de morrer”.

A necessidade da figura idealizada (Deus) para ela parece ir ao encontro da fantasia inconsciente de um destino paradisíaco, onde não existe sofrimento (Kóvacs, 2015). A negação nos parece aqui como a impossibilidade de lidar com o aniquilamento do próprio “eu”, ao contrário da participante Duda, que não suprimiu o reconhecimento do sentimento diante da possibilidade da finitude, ao afirmar com segurança “Ela tava com medo de estourar”.

Na sequência, Belinda se vê em uma situação de desamparo, quando é solta e voa sem direção. Aqui também o medo da morte se manifesta, mas sob outro aspecto, como bem reconheceu o participante Thor “Ela se sentiu insegura”. Diante do perigo, o medo da morte aparece como sensação de abandono, porque concretiza a possibilidade de extinção (Becker, 1991). Esse medo do abandono também acompanha Ariel, que perguntou em tom revelador “E se eu morrer e a minha mãe morrer também?”. A morte de um genitor é também a morte da ilusão narcísica da onipotência da criança, porque sua estrutura de segurança torna-se irreconhecível (Franco & Mazorra, 2007). Ora, a morte estabelece o rompimento de um vínculo que Ariel parece não ter certeza que será mantido num pós-vida.



## **Felicidade**

A resposta da participante Vandinha sobre a situação incerta de Belinda também merece atenção, porque revela o constante estado de conflito entre Eros e Tanatos (Freud, 1920). Ela respondeu: “Ela sentiu... feliz!”. Ao afirmar tal sentimento, remete à ideia da possibilidade de luta contra a própria impotência, que numa leitura psicanalítica, conceituamos como pulsão de morte, aquela que movimenta o indivíduo no processo de desintegração, mas que, atuando dialogicamente com a pulsão de vida (crescimento, desenvolvimento), permite que ele lute por um espaço vital (Kóvac, 2015).

Assim, Vandinha parece reconhecer que, embora a morte triunfe sobre todos nós, também é possível uma existência significativa e feliz. E essa onipotência é o que sustenta a criatividade individual para apreciação do que há de bom na vida (Winnicott, 2000).

A felicidade também aparece na história de Belinda quando já velha, murcha e flácida e sua morte se dá de maneira tranquila e sem medo. Para os participantes, esse sentimento parece se estender ao momento final: Duda perguntou: “Mas peraí, tia, quem morre feliz?”. Seu questionamento provocou a reação de Juninho, que expressou: “Eu quero morrer feliz!”. Em um primeiro momento, essa associação da felicidade à morte pode parecer estranha, mas, no seguimento das discussões, entendem-se as falas: Duda respondeu à sua própria pergunta, após um momento de reflexão, e explicou “Ela queria descansar, porque ela tava muito velhinha”, assim como Thor, que concordou, dizendo “Ela precisava descansar”.

Contardo Calligaris (2023), na obra “O sentido da vida”, conta que durante sua infância escutou de uma tia um verso de Petrarca, em que falava sobre o *bel morir*, ou a beleza da morte e foi tomado pela ideia de que uma morte heroica (ou bela) daria valor a uma vida medíocre. Embora o poema não tenha de fato relação com isso, é interessante a elaboração do autor, porque remete àquilo que Freud (1930) trouxe em “O mal-estar na civilização”, quando afirmou que toda ação humana visa a felicidade e, neste estado

permanecer. Quer dizer, parece que até na morte exige-se tal fortuna. Assim, o “descansar” de Belinda, para Thor e Duda, mostra uma compreensão de que a morte tranquila na velhice é um triunfo, e que embora ela não tenha vivido uma jornada de heroína, a plenitude foi alcançada.

Por outro lado, Juninho surpreendeu ao afirmar que gostaria de morrer feliz. Aqui pode-se especular sob o ponto de vista freudiano (Freud, 1930), de que a busca pela felicidade possui um caráter positivo, relacionado a experiências prazerosas e também um caráter negativo, relacionado à ausência de dor e desprazer. Então, para este participante, morrer feliz poderia estar associado a uma vida de experiências prazerosas ao extremo, porque no final de contas, é isso que estabelece a finalidade humana.

No entanto, sua resposta ao questionamento subsequente - *então morrer é bom?* - mostra a verdadeira percepção. Juninho afirmou “Mas eu gosto de ficar feliz... Eu quero morrer e ficar com Deus lá”. Numa tradição psicanalítica, tal ideia expressa uma profunda neurose, fruto da necessidade de um refúgio das asperezas do mundo. No entanto, aqui parece mais adequada a ideia defendida por Dolto (2010), de que a fé, na verdade, é um desejo e que a relação com um Deus - *religare*- não é evitamento da realidade, mas um chamado à assunção da própria lei do desejo, manifestada na Sua figura, que atrai e não oprime.

A fala de Juninho também manifestou outro aspecto relacionado, que é a crença na vida após a morte. A ideia de continuação de uma alma vem, ademais, carregada de esperança de satisfação, mas que para Duda não pareceu tão próxima, ao que manifestou: “Eu acho que [morrer] não é bom”. E continua: “Quando a gente morre, alguém fica com nosso quarto [...] Uma hora todo mundo vai morrer né?”.

A percepção de Duda evoca a ideia de uma existência marcada pela materialidade, porque a morte é o fim da relação com o mundo e o impedimento de experiências futuras (Sartre, 1967). Assim, parece temer que seu espaço ocupado por outro também signifique a

perda de sua identidade, de seu “Eu”, a perda do reconhecimento e a possibilidade do abandono definitivo.

Por outro lado, Thor demonstrou sentimentos ambivalentes diante da morte, afirmando que há aspectos positivos e negativos: “[morrer] é bom e não é. Porque as pessoas que gostam da gente vão sofrer e a gente vai morar com Deus.” Sua ideia de que morrer pode ser bom colabora com a de Juninho, porque entende a possibilidade da relação com o ser idealizado (Deus), que promete proteção, cuidado, ausência de dor, etc, ou seja, uma existência melhor do que essa. No entanto, não ignora que o rompimento definitivo que a morte provoca também causa sofrimento e angústia, refletindo suas vivências afetivas e concepção da realidade.

### **Tristeza, pesar e raiva**

O modo como as crianças estruturam a compreensão sobre a morte também envolve sentimentos desagradáveis, como a tristeza e o pesar. Duda expressou bem esses sentimentos quando contou sobre a morte do hamster de sua sobrinha: “Eu fiquei com pena do ratinho... [...] A minha sobrinha, ela chega chorava assim... um choro tão... sabe? (gesto de aperto no peito) Chorando assim, como se alguém tivesse morrido. Ela chorou muito. Ela chorou que parecia que ela tava dando gargalhada. Chorando de um jeito... parecia que ela tava dando gargalhada. Tava chorando muito...”.

Muitas das emoções mais intensas dos seres humanos surgem da formação, manutenção, rompimento ou renovação dos vínculos afetivos (Bowlby, 2006). Assim, a ameaça ou vivência real da perda gera ansiedade, angústia e tristeza, além da raiva e indignação. Sobre estes últimos sentimentos, manifestou-se pela fala de Vandinha, quando questionada sobre o que estava sentindo diante da perda recente da avó: “Eu tô passada, tia!”

Também Duda revelou um comportamento de Thor diante da perda do tio: “O Thor xinga desde que o tio dele morreu”. Isso porque, segundo Kóvacs (2015), a morte do adulto é

percebida como abandono e pode provocar frustração e raiva, uma vez que abala a onipotência infantil.

Além da expressão emocional diante da morte, também o choro se manifestou como reação comportamental à tristeza. Juninho contou: “tia, quando meu avô morreu, eu chorei” e ainda “às vezes eu choro...”. Para Thor, pareceu atuar como mecanismo de alívio, um processo elaborativo reparatório: “Eu choro. Eu converso com Deus e com 1 milhão de pessoas daqui e da escola”.

Todas essas reações são próprias da experiência do luto e demonstram que essas crianças encontraram meios de se adaptar à perda do objeto e que a morte para elas se caracteriza como fato definitivo. Porque o processo do luto só se inicia quando há aceitação da perda e resignificação da ligação com o ente que se foi (Freud, 1914).

### **Saudade**

A saudade apareceu nas falas de Valentina e Ariel, que compreendem a morte de maneira mais afetiva. Valentina disse “Eu fico com saudade”, assim como Ariel, que afirmou que sente saudade também quando algo se vai. A saudade é uma forma de manutenção do vínculo com o objeto perdido, mas que também pode gerar sofrimento e angústia (Kubler-Ross, 1991). No entanto, para essas participantes, parece ser uma transcendência da dor gerada pela perda, uma vez que não manifestaram outros sentimentos negativos.

Por outro lado, Cleitinho negou tal sentimento ao afirmar “tia, eu não fico com saudade nunca!”. Sua negação revela uma compreensão negativa da morte e por isso, pode ser uma forma de defesa psíquica. É uma forma de reagir à perda pela fantasia (Franco & Mazorra, 2007).

### **Atitudes diante da morte e do luto**

No percurso dessa análise, ficou evidente a complexidade do tema e que as crianças, ainda que de forma limitada, reagem de diversas maneiras diante da experiência da morte. Por certo, também suas atitudes sobre este evento merecem ser reconhecidas, uma vez que refletem o contexto em que vivem e contribuem para a compreensão da existência humana frente a situações-limite.

A forma como alguns participantes lidam com a morte envolve a prática de rituais, que são manifestações da tristeza e formas de elaboração do luto, que podem se dar de maneira mais contida ou mais expositiva. Ariel, por exemplo, após as mortes do avô e da avó, afirmou: “agora eu escrevo cartinha pra eles”. Também revelou que o pai “coloca vela”, uma tradição cristã que simboliza a vida espiritual.

Também trouxeram o enterro como ritual fúnebre: “ele tá na cova dele” (Duda), “aí a gente enterra” (Vandinha), “enterrou a bosta” (Thor) e “foi [enterrado] e com a bosta junto” (Juninho), sobre o patinho que foi morto e engolido pelo cachorro. Embora expressem com certa naturalidade acerca desse rito, não parece ser meramente uma forma rápida de se livrar de um corpo morto. Para as crianças, envolve também a expressão de sentimentos e, se envolvidas na ocasião, isso pode proporcionar o confronto direto com a realidade, além da oportunidade de compartilhamento da experiência (Lima, 2007).

## Considerações finais

A conclusão desta pesquisa encerra sua escrita, mas nos intima a continuar no caminho em que se pense as decorrências de se falar da morte e do luto, especialmente com o público infantil. Porque este é também um compromisso com a vida, à medida em que, como diria Frankl (2010), em certo aspecto é a morte que faz com que ela tenha sentido. Assim, a partir das reflexões construídas ao longo deste trabalho, pode-se explicar as considerações e críticas necessárias que possibilitam transformações.

Ao se retomar o objetivo geral deste trabalho, de investigar as percepções de crianças em contexto de vulnerabilidade social no D.F. acerca dos conceitos de morte e luto, considera-se que o mesmo foi alcançado plenamente.

O primeiro ponto a ser destacado e objetivo específico inicial era o de investigar como as crianças compreendem os conceitos relacionados à morte e ao luto. Aqui destaca-se como a morte está enredada nas tramas sociais e como os participantes conseguiram se expressar com profunda naturalidade sobre o tema. Não há dúvidas de que a compreendem como um fenômeno inevitável e definitivo, e que, embora vivenciem inúmeras privações, também conseguem encontrar meios de simbolizá-la.

Por outro lado, também ficou evidente que ainda há uma dificuldade de encará-la como fenômeno universal, quer dizer, de se implicarem na possibilidade de morrer *agora*. Morrer para esses participantes parece algo distante e que pertence ao futuro. É possível que isto se dê em função de um desenvolvimento cognitivo e emocional ainda imaturo, mas que também há um fator sociocultural e emocional importante, que repudia a morte na infância, porque o trabalho da criança é *ser criança*. Há um caminho a ser trilhado até a vida adulta, que é onde se darão suas realizações, ou seja, a possibilidade da morte da criança também significa o fim de um sentido de vida.

Outro aspecto que contribui para essa negação é a exposição à violência e mortes trágicas a qual estão submetidos. O contato com a realidade mais crua parece ter efeito contrário: ao invés de olharem o mundo como ameaça iminente, criam, como meio de proteção psíquica, a ideia de que ela só ocorre com os outros. Ainda existe para eles, portanto, uma representação de si mesmos como heróis, mas chegará o dia em que olharão para a morte do outro e se perguntarão se eles mesmos também podem morrer a qualquer tempo (Kóvacs, 1992).

O segundo objetivo específico - identificação das percepções dos participantes diante dos questionamentos relativos - foi alcançado e trouxe respostas que evidenciaram a grande influência dos aspectos religiosos e espirituais. Todos os participantes expressaram em algum momento durante os encontros, e de maneiras diversas, a morte atravessada por aspectos transcendentais, como a existência de um ser superior e poderoso (Deus), a existência de um lugar paradisíaco (céu) e a existência de uma vida em outra dimensão (vida após a morte, alma e espírito).

A religião, ou uma vida espiritual, socializa a morte e os auxilia a lidar com o que é desconhecido, além disso, pode ser a via de respostas para os questionamentos relacionados. Embora estejam inseridas em um contexto cultural ocidental marcado pela filosofia e crenças cristãs, outros dois fatores reforçam e contribuem para que a espiritualidade esteja presente na concepção de morte para estas crianças: a tradição religiosa da família e da instituição na qual estão inseridas.

A instituição na qual esta pesquisa foi desenvolvida professa a fé cristã católica romana e o trabalho realizado com as crianças também envolve aspectos da religião, incluindo a compreensão sobre a morte e tudo a ela relacionado. Sobre as famílias, não foi possível conhecer ao certo como se dá essa vivência, mas por meio das falas dos participantes foi possível perceber uma atuação nesse sentido, seja pela inclusão nos eventos de morte e

rituais, propiciando a experiência, ou articulando significantes através de explicações dos conceitos.

Quanto ao terceiro objetivo específico, de conhecer as semelhanças e diferenças nas respostas e percepções, foi possível observar que a maioria dos participantes compartilham a fantasia como um recurso elaborativo, como por exemplo a ideia de que o ente falecido “virou estrelinha”; também possuem uma compreensão da morte sob a ótica religiosa/espiritual, incluindo os rituais, explicitando falas como “Ela foi para o céu” (Ariel) e “A gente vai morar com Deus” (Thor). Além disso, também são semelhantes os aspectos relacionados à necessidade de manutenção dos vínculos familiares num pós-vida: “Quando eu morrer, eu vou encontrar meu pai e a minha vó” (Juninho), “Ela vai lembrar da própria filha dela [quando morrer]” (Vandinha) e “Tia, não é verdade que quando eles morrerem, nós vamos visitar e eles vão lembrar da gente?” (Duda).

Acerca das divergências, se deram principalmente em relação aos sentimentos diante da morte: enquanto alguns participantes demonstraram medo – “eu tenho um pouco de medo” (Cleitinho) -, angústia - “Tia, eu tô pensando nele agora, no meu tio [...] Eu tô pensando na última vez que eu vi ele...” (Thor) - e indignação – “Eu tô passada, tia!” (Vandinha) -, outros indicaram sentir saudades - “Eu fico com saudade” (Valentina) -, felicidade - “Eu quero morrer feliz!” (Juninho) - e esperança – “Eu quero morrer e ficar com Deus lá” (Juninho).

Na vivência do luto, os participantes manifestaram reações e atitudes diversas, como o choro: “tia, quando meu avô morreu, eu chorei” (Juninho), a mobilização da rede de apoio: “Eu converso com Deus e com 1 milhão de pessoas daqui e da escola” (Thor) e o uso da escrita: “agora eu escrevo cartinha pra eles” (Ariel).

Diante de todas as manifestações e das considerações já pontuadas acerca das percepções dos participantes sobre a morte e o luto, segue-se o quarto e último objetivo específico, a saber, a análise e reflexão de seus sentidos e significados. Primeiramente, é



importante salientar que falar sobre a morte não parece algo que constrange ou que preocupe as crianças. Ao contrário, elas demonstraram uma atitude positiva ao serem introduzidas a esse tema, o que contraria o senso comum, de que esse assunto deva ser evitado a qualquer custo.

A morte para elas está profundamente associada à ideia de perda e compreendem bem suas consequências físicas e emocionais. Por outro lado, a percepção desse evento como possibilidade pessoal contraria seu próprio conceito de existência humana e há uma negação da universalidade, como já pontuado anteriormente: não conseguem concebê-la como parte de seu mundo e de seu tempo, porque vivem mais no presente, sem se preocupar com o passado e o futuro.

O morrer, portanto, pertence ao outro e, inclusive, aceitam que ele possa acontecer de maneira violenta, porque o mundo é cheio de ameaças. Essa ideia ganha força considerando-se o contexto em que vivem, de privações materiais e simbólicas, em que os recursos muitas vezes são acessados por meios que produzem a dor e o sofrimento aos outros. Isso ficou evidente em suas falas, ao serem questionados sobre o que provoca a morte e responderam “faca, tiro, acidente e pazada na cabeça”, sem considerar a velhice ou doença.

Pode-se perguntar como isso influenciará a ideia que têm sobre a morte (uma vez que essa ainda está em desenvolvimento) e como agirão frente à essa realidade: se tenderão a imitá-la, porque a violência está mesmo em toda parte, ou se a ressignificarão a partir de outros fatores constituintes.

É certo que as experiências que vivenciarão (e já vivenciaram) poderão estimular novos sentidos e aqui merece destaque o importante trabalho realizado por seus cuidadores e agentes das instituições em que estão inseridos, os quais colaboram com a construção de uma percepção da morte como devendo ser o fim *natural* da vida (e não provocada por uma

atitude hostil de outros seres humanos) e de que, até mesmo o medo é desejável, porque indica que ela não está banalizada, mas que é parte da transitoriedade da existência.

Ademais, este trabalho também está imbuído de grande responsabilidade, porque as crianças aceitam bem os ensinamentos dos adultos sobre a morte e os concretizam sem se preocuparem com contradições. Não se incomodam, por exemplo, em defender que na vida, após a morte, o ente falecido vire estrela e fantasma ao mesmo tempo. Se isso faz sentido e as auxilia num processo de elaboração, elas tomam a morte como parte de sua realidade imediata. Indica, portanto, que não sentem dificuldade em incorporar concepções metafísicas e religiosas porque não conseguem analisá-las, dependendo do significante que o outro lhe proporciona.

Há também o compromisso da psicologia, conforme destaca Freud (1913), porque, segundo ele, o pensamento psicanalítico pode contribuir à medida em que entende que é pelo confronto com o outro que a criança pertencerá à sociedade e que se devem considerar os elementos intrínsecos à vida infantil. Ou seja, se ao se falar sobre a morte também se fala sobre o modo como a criança constitui sua vida, e é necessário que se compreenda a quem se dirige, a fim de se proverem os recursos necessários para uma existência plena que resguarde seus sentidos.

Falar sobre morte com o público infantil é difícil, mas é um diálogo possível à medida em que também se estabelece esse diálogo como protagonista e produtor de sentidos. É evidente que as relações históricas e culturais influenciam suas percepções, mas a partir disso também conseguem costurar novas e intrigantes compreensões que podem nos desafiar à descoberta da lógica que reside no universo psíquico infantil.

Tais aspectos suscitam, assim, antigas reflexões e questionamentos sobre como a sociedade ocidental lida com o tema e como também são tratadas as crianças: Como estamos nos posicionando, enquanto pais, educadores e profissionais, diante das demandas relativas à

morte e ao luto? É possível que estejamos subestimando a capacidade das crianças de elaborar e produzir sentidos? Por que durante os processos formativos – e aqui se destaca a Psicologia – há um silenciamento diante dessa temática? Como podemos desejar uma sociedade melhor se não consideramos a morte como parte fundamental na constituição de uma vida mais digna e significativa?

Pode-se pensar em algumas respostas para essas perguntas, mas cabe dizer que este trabalho se presta também a repensar o que já se sabe, a debater e construir novas possibilidades. Para tanto, é fundamental que estejamos cientes de nossos papéis diante das crianças: estamos aqui não para confundi-las, mas para escutá-las e compreender o que concebem sobre suas próprias existências; para que, no confronto com a realidade - e consequentemente com a morte -, possam ser impulsionadas para uma vida plena.

Por fim, os questionamentos também nos levam a considerar a indispensabilidade de novos estudos que possam subsidiar recursos e ferramentas para lidar com esse público, além de espaços de escuta adequados. Além disso, ressalta-se a importância de uma educação voltada para a temática da morte, tanto para o público que vive processos de finitude, quanto para os profissionais que oferecem seus cuidados. Para tanto, é urgente que se preencha a lacuna existente sobre esse tema, especialmente quanto à disseminação de informações adequadas e à promoção de estratégias que possibilitem uma relação mais saudável com este fato e tudo a ele relacionado.

## Referências

- Aguiar, W. M. J. (2015). Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-histórica. In A.M.B. Bock, M.G.M. Gonçalves, & O. Furtado (Eds.), *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia* (6th, pp. 95-108). Cortez.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Ediouro.
- Azevedo, A.C. P. (2006). Brincar na brinquedoteca: crianças em situação de risco. In E.G. Antunha, & V. B. Oliveira (Eds.), *Brincando na escola, no hospital, na rua...* (3th, pp. 143-159). E. Bomtempo. Wak.
- Barja, P.R., & Teixeira, F.L.F. (2011). *Percepção musical: efeitos fisiológicos e psicológicos da música em crianças e pré-adolescentes*. World Congress on Communication and Arts, São Paulo.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições70.
- Becker, E. (1991). *A negação da morte: uma abordagem psicológica para a negação da morte*. Record.
- Bowlby, J. (2006). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (4. ed.) Martins Fontes.
- Brenman, I. (2011). *Meu filho pato*. Companhia das Letrinhas.
- Calligaris, C. (2023). *O sentido da vida*. Paidós.
- Carraher, T. N. (1988). *Na vida dez, na escola zero*. Cortez.
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo informação*, 17 (17),87-105.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1415-88092013000200007 & lng= pt\ nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=isso).
- Cohn, C. (2010). *Antropologia da criança* (2. ed). Zahar.
- Dolto, F. (1989). *Dialogando sobre crianças e adolescentes*. Papirus.

- Dolto, F. (2010). *A fé à luz da psicanálise*. Verus.
- Elias, Norbert. (2001). *A solidão dos moribundos*. Zahar.
- Engarhos, P. (2013). *The young child's understanding of death: early conversations and experiences with parents and caregivers* [Tese de mestrado, McGill University].
- Espíndola, E., Sunkel, G., Murden, A., & Milosavljevic, V. (2017). *Medición multidimensional de la pobreza infantil: una revisión de sus principales componentes teóricos, metodológicos y estadísticos*. CEPAL.
- Ferreira, A. B. H. (2011). Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa (2 ed.). Positivo.
- Ferreira, C.M. (2021). *Luto e desigualdade social: uma leitura sócio-histórica sobre a morte e o luto a partir das experiências do território da Brasilândia no contexto da pandemia de COVID-19*. [Dissertação de pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Franco, M.H.P., & Mazonra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511.
- Frankl, V.E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros: memórias*. É Realizações.
- Freud, S. (1914). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (3. ed.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (3. ed.). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas: História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996b) Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 18). Imago.

- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XXII). Imago.
- Gonçalves, M. G. M., & Bock, A. M. B. (2009). A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In A.M.B. Bock, & M.G.M. Gonçalves. *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. Cortez.
- Gonçalves, M.G.M. (2010). *Psicologia, subjetividade e políticas públicas*. Cortez.
- González Rey, F. (1999). *La investigación cualitativa em psicología: rumbos y desafíos*. Educ.
- Granja, A.M.A. (2013). *A morte e o luto em contexto escolar. Das vivências na primeira pessoa à (re)significação do conceito de escola acolhedora*. [Tese de Doutorado, Universidade de Aveiro].
- Heidegger, M. (2001). *Ser e tempo*. Vozes.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.
- Jucá, V.J.S. et al. (2007). Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social - um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores. *Psicologia & Sociedade*, 19 (2), 122-130.
- Kastenbau, R., & Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da Morte*. Thomson Pioneira.
- Katz, I. (2022). Crianças que vivem a morte. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 1 (XIV), 85-103.
- Kenyon, B. L. (2001). Current research in children's conceptions of death: a critical review. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 43(1), 63-91.
- Klein, M. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (Vol. I). Imago.

- Koocher, G. P. (1973). Childhood, death, and cognitive development. *Developmental Psychology*, 9(3), 369–375.
- Kóvacs, M. J. (2015). *Morte e desenvolvimento humano* (5. ed). Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E. (1991). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes* (4. ed.). Martins Fontes.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Jorge Zahar.
- Lepargneur, H. (1997). Vida, morte e luto na modernidade e no cristianismo. *Perspectiva Teológica*, 29, 89-98.
- Lima, V. R., & Kovács, M. J. (2011). Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. *Psicologia: Ciência e profissão*, 31 (2).  
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMB3JF6RDZq/?lang=pt&format=pdf>
- Lopes, T. C. R. (2013). *Era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Maranhão, J. (2008). *O que é Morte* (4. ed.). Editora Brasiliense.
- Martins, F.A.V. (2013). *O homem, a morte e o tempo*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual da Paraíba].
- Mello, A. R., & Baseggio, D. B. (2013). Infância e morte: um estudo acerca da percepção das crianças sobre o fim da vida. *Revista de Psicologia da IMED*, 5 (1), 23-31.
- Minayo, M.C.S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo – qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública do Rio de Janeiro*, 9 (3), 239-248.
- Mohr, A.M., & Santos, R. (2018). A (de)vida angústia de morte: considerações a partir da filosofia e da psicanálise. *Revista Natureza Humana*, 20(1),169-187.
- Morais, Y.B. (2014). A morte, o luto e a memória: possibilidade de compreensão sociocultural e histórica. *Cadernos de Clio*, 5, 77-95.

- Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Imago.
- Nakasu, M.V.P. (2010). Notas sobre a indestrutibilidade do desejo de Deus segundo a psicanálise freudiana. *Interações - Cultura e Comunidade*, 5 (8), 141-150.
- Neri, M. C. (2022). *Mapa da nova pobreza*. Fundação Getúlio Vargas.
- Nunes, A.K. (2021). *Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade: intervenções possíveis por meio da ludicidade*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul].
- Nunes, D. C. et al. (1998). As crianças e o conceito de morte. *Psicol. Reflex. Crit.*, 11 (3).
- Paiva, L.E. (2011). *A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Ideias e Letras.
- Ramos-Ojeda, D. (2019). Entendiendo la vulnerabilidad social: una mirada desde sus principales teóricos. *Revista Estudios del Desarrollo Social: Cuba y América Latina*, 7(1), 139-154.
- Roazzi, M. M., Dias, M. G. B. B., & Roazzi, A. (2010). Mais ou menos morto: explorações sobre a formação do conceito de morte em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 485-495.
- Rodrigues, A.N.S. (2021). *Perspectivas e olhares acerca da morte e do luto na educação de crianças* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Fronteira Sul].
- Rosa, M. D. (2009). *Histórias que não se contam: o não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*. Casa do psicólogo.
- Salvagni, A. et al. (2013). Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. *Psicologia da Saúde*, 21 (2), 48-55.
- Santos, F.B. (2019). *A literatura infantil diante da morte: imagens contemporâneas* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba].



- Santos, L.R. (2022). *A perspectiva infantil da morte a partir de um referencial de classe: uma comparação*. [Trabalho de conclusão de curso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Sartre, J.P. (1967). *As Palavras*. Difusão Europeia do Livro.
- Sengik, A.S., & Ramos, F.B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387.
- Serêjo, E.L. (2018). *A representação social da morte para crianças da pré-escola do Ensino Público do Distrito Federal*. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília].
- Shaffer, D. R., & Kipp, K. (2012). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e adolescência* (8. ed.). Cengage Learning.
- Silva, G.C.R.F. (2010). O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. *Psicologia.pt – o portal do psicólogo*.  
[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0539](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0539).
- Silveira, R. M. H., Machado, P.A., & Silveira, B.R. (2020). Contando histórias de quem “dormiu para sempre”: narrativas infantis motivadas pela leitura literária. *Revista Educação em Questão, Natal*, 58 (55), 1-22, e-19424.
- Slaughter, V., & Griffiths, M. (2007). Death understanding and fear of death in young children. *Clinical child psychology and psychiatry*, 12(4), 525-535.
- Thomaz, T.G.C. (2020). *As crianças e a temática da morte: diálogos possíveis*. [Dissertação de pós-graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Torres, W. C. (1999). *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Torres, W. C. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 221-229.

- Tuñón, I., & González, M. S. (2013). Aproximación a la medición de la pobreza infantil desde un enfoque multidimensional y de derechos. *Revista Sociedad y Equidad*, 5, 30-60. <https://doi.org/10.5354/0718-9990.2013.26317>
- UNICEF Brasil. (2023). Múltiplas dimensões da pobreza na infância e adolescência no Brasil. [multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil.pdf](#) ([unicef.org](https://www.unicef.org))
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do início ao fim*. Penso.
- Winnicott, D.W. (2000). Desenvolvimento Emocional Primitivo (Conferência pronunciada na Sociedade Psicanalítica Britânica, 1945). In: *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. Imago.

## Anexo 1

## Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura



## Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura

Eu, Aurea Chagas Cerqueira, responsável pela pesquisa “Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em instituição do D.F.”, junto com a aluna Brenda Chacon Silvério, solicitamos autorização para desenvolvê-la nessa instituição, Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, localizado na QE 40, rua 20, lote 02 - Pólo de Modas - Guará II, DF, no período de 01/09/2023 a 30/10/2023.

O estudo tem como objetivo investigar as percepções de crianças, em contexto de vulnerabilidade social no Distrito Federal, acerca dos conceitos de morte e luto, a partir de leituras mediadas de histórias do livro “Meu filho pato”. Os procedimentos serão os seguintes: em acordo com a instituição e seus responsáveis, serão selecionadas de 6 a 8 crianças, com idades entre 5 e 7 anos, de ambos os sexos. Em datas pré-definidas, a pesquisadora reunirá os participantes para uma roda de leitura de contos do livro citado e, ao final, fará perguntas sobre as histórias, estimulando as conversas e debates entre os participantes. Serão realizados 3 (três) encontros e todas as atividades serão registradas por meio da gravação de áudio, com o objetivo de facilitar a transcrição e análise dos resultados.

Declaro que a pesquisa ocorrerá em consonância com as Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB).

Me. Aurea Chagas Cerqueira (pesquisadora responsável)

(61) 99986-2105 / aurea.cerqueira@ceub.edu.br

*Brenda Chacon Silvério*

**Brenda Chacon Silvério (pesquisadora assistente)**

**(61) 99215-4955 / brenda.cs@sempreceub.com**

---

Eu, Diane Galdino, diretora do Centro Socioeducativo Santo Anibal Maria, localizado na QE 40, rua 20, lote 02 - Pólo de Modas - Guarã II, DF, venho por meio deste termo, informar que estou ciente e de acordo com a realização da pesquisa, em conformidade com o projeto ora apresentado, e que essa instituição dispõe de infraestrutura necessária para desenvolvê-la de acordo com as diretrizes e normas éticas.

Brasília-DF, 06 de junho de 2023.

*Diane Galdino Moraes Silva*  
Diretora Presidente

---

**Nome completo do responsável pelo local e assinatura**

## Anexo 2

## Parecer Consubstanciado do CEP-CEUB



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em instituição do D.F.

**Pesquisador:** AUREA CHAGAS CERQUEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 70883923.1.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.235.298

## Apresentação do Projeto:

As pesquisadoras apresentam o projeto da seguinte forma:

"Este trabalho visa a compreensão da percepção de crianças, com idades entre 5 e 7 anos, sobre a morte e o luto, a partir de um contexto de vulnerabilidade social. Considera que a morte é inerente ao desenvolvimento humano, que as crianças vivenciam diversos tipos de perdas durante a vida e que a relação que estabelecem com a morte, além dos sentidos e significados por elas vivenciados, é também marcada por fatores sociais e culturais. O estudo partirá de leituras mediadas por contos do livro *Meu filho pato*, em um grupo focal, no qual se pretende analisar as percepções das crianças sobre o tema, a partir de perguntas previamente formuladas. Tem como objetivo, portanto, a investigação dos aspectos comuns e divergentes, os padrões explicitados e os sentidos e significados manifestados pelas crianças. Será utilizada a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 1977) para a análise dos resultados."

## Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa foram informados pelas pesquisadoras com as seguintes palavras:

## Objetivo Primário:

Investigar as percepções de crianças, em contexto de vulnerabilidade social no D.F, acerca dos conceitos de morte e luto.

## Objetivo Secundário:

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 6.235.298

- Investigar como os participantes compreendem os conceitos relacionados à morte e ao luto.- Identificar as percepções dos participantes diante de questionamentos relativos aos conceitos de morte e luto.- Conhecer as semelhanças e as diferenças nas respostas e percepções dos participantes.-

Analisar e refletir sobre os sentidos e significados manifestados pelos participantes acerca dos conceitos de morte e luto

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O CEP entende como coerente a análise das pesquisadoras diante dos riscos do projeto. As pesquisadoras apontam os riscos da seguinte forma: "Este estudo possui riscos baixos. Poderão ocorrer reações emocionais e sensibilização diante do tema tratado, das leituras e perguntas realizadas.

Medidas preventivas serão garantidas, como uma conversa prévia, pausas ou interrupções, caso haja algum desconforto, a fim de minimizar qualquer risco ou incômodo."

Os benefícios do projeto estão ligados ao ganho do conhecimento acadêmico e diante do que foi apresentado pelas pesquisadoras "A participação nesta pesquisa poderá contribuir para um melhor entendimento sobre a percepção de crianças nessa faixa etária acerca da morte e

do luto e o posterior desenvolvimento de ferramentas que propiciem melhor atuação de profissionais que lidam com esse público."

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa está bem estruturada diante das necessidades e objetivos do projeto. Todas as questões éticas estão bem amparadas na metodologia e os cuidados diante do tema da pesquisa (luto e crianças em vulnerabilidade social) estão sendo resguardados.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos apresentados estão todos de acordo com as necessidades das resoluções éticas em vigência no país.

O TCLE foi apresentado e está completo. O termo de aceite institucional também foi apresentado, está de acordo, foi assinado pela instituição que será coparticipante na pesquisa. O Termos de assentimento foi apresentado. A folha de rosto foi acostada aos documentos e está preenchida conforme as necessidades.

#### **Recomendações:**

Recomenda-se que o projeto siga diante da metodologia e cuidados éticos mencionados.

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 6.235.298

Ao final do estudo, os pesquisadores devem enviar o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Conclui-se pela aprovação.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais das Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto: A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco; II - desenvolver o projeto conforme delineado; III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 12ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2023, em 21 de julho.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2169669.pdf	27/06/2023 23:49:04		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAnuencia_BRENDA.pdf	27/06/2023 23:48:18	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075

**UF:** DF **Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 6.235.298

Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermodeAceiteBRENDA.pdf	26/06/2023 18:56:10	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeAssentimento_BRENDA.pdf	26/06/2023 18:55:53	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BRENDA.pdf	26/06/2023 18:55:42	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMonografia_BRENDA.pdf	26/06/2023 18:55:25	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 11 de Agosto de 2023

---

**Assinado por:**  
**Marília de Queiroz Dias Jacome**  
 (Coordenador(a))



### Anexo 3

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

**Título: Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em instituição do D.F.**

**Instituição do (as) pesquisadores(as):** Centro Universitário de Brasília - CEUB

**Pesquisador(a) responsável:** Professora Orientadora - Me. Aurea Chagas Cerqueira

**Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]:** Brenda Chacon Silvério – aluna do nono semestre de graduação.

Seu filho(a) (ou a pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) para participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja que ele(a) participe (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir a participação, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Seu filho(a) (ou a pessoa por quem você é responsável) também assinará um documento de participação, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (a depender da capacidade de leitura e interpretação do participante).

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar como os participantes compreendem os conceitos relacionados à morte e ao luto; identificar as percepções diante de questionamentos relativos aos conceitos de morte e luto; conhecer semelhanças e diferenças nas respostas e percepções e analisar e refletir sobre os sentidos e significados manifestados por eles.
- Seu filho (a) (ou a pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar exatamente por ter entre 5 e 7 anos, e se encontrar acolhido pela instituição Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, localizado na QE 40, rua 20, lote 02 - Pólo de Modas - Guará II, DF.

#### Procedimentos do estudo

- A participação dele(a) consiste em comparecer às rodas de leitura, nas quais a pesquisadora lerá histórias diferentes em cada encontro e no final, fará perguntas constantes no roteiro previamente preparado, estimulando o debate e a conversa entre os participantes. As atividades serão registradas por meio de gravação de áudio para posterior transcrição fidedigna e análise dos resultados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- Cada encontro de leitura terá a duração de uma hora e vinte minutos.

### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos baixos. Poderão ocorrer reações emocionais e sensibilização diante do tema tratado, das leituras e perguntas realizadas.
- Medidas preventivas serão garantidas, como uma conversa prévia, pausas ou interrupções, caso haja algum desconforto, a fim de minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, o seu filho(a) (ou a pessoa por quem você é responsável) não precisará realizá-lo.
- A participação dele(a) nesta pesquisa poderá contribuir para um melhor entendimento sobre a percepção de crianças nessa faixa etária acerca da morte e do luto e o posterior desenvolvimento de ferramentas que propiciem melhor atuação de profissionais que lidam com esse público.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe.
- Ele(a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso que sinalize à pesquisadora responsável ou que você entre em contato.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a) neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Os dados dele(a) serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora Brenda Chacon Silvério com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 (cinco) anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada à privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a participação de seu filho(a) (ou a pessoa por quem você é responsável) no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo

e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente que meu filho(a) (ou pessoa por quem sou responsável) participe deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Responsável legal

---

Me. Aurea Chagas Cerqueira (pesquisadora responsável)  
(61) 99986-2105 /aurea.cerqueira@ceub.edu.br

---

Brenda Chacon Silvério (pesquisadora assistente)  
(61) 99215-4955 /brenda.cs@sempreceub.com

**Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:**

Instituição: Centro de Ensino Unificado de Brasília - UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907 - Asa Norte, Brasília - DF, 70790-075

Telefones p/contato: 3966-1201.

## Anexo 4

### Termo de Assentimento - TALE

**Título da pesquisa:** Percepções de morte e luto em crianças em contexto de vulnerabilidade social em instituição do D.F.

**Instituição dos(as) pesquisadores(as):** Centro de Ensino Unificado de Brasília - UniCEUB

**Pesquisador(a) responsável:** Profa. Orientadora - Me. Áurea Chagas Cerqueira

**Pesquisador(a) assistente:** Brenda Chacon Silvério

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa. Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir. Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

#### Natureza, objetivos e procedimentos do estudo

- O objetivo deste estudo é saber o que você percebe sobre a morte e o luto e o que esses conceitos significam para você.
- Você vai participar desse estudo escutando 3 (três) histórias contadas pela pesquisadora, em dias diferentes, numa roda de leitura com outras crianças e vendo alguns desenhos. Depois, você poderá responder algumas perguntas sobre o que entendeu das histórias, o que você sentiu e também poderá conversar com os outros participantes.
- Você não precisará fazer nada além do que estamos explicando neste documento. Se você não quiser falar nada, não tem problema algum.
- A pesquisa será realizada no Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, localizado na QE 40, rua 20, lote 02 - Pólo de Modas - Guará II, DF. , local onde você e as outras crianças participam de outras atividades.

#### Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação poderá ajudar que mais pessoas saibam sobre como as crianças percebem e entendem a morte e o luto.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pais/responsáveis, ou vai tratá-lo(a) mal se não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar com uma das pesquisadoras responsáveis ou pedindo para que seus pais ou responsáveis falem por você.

## Confidencialidade

- Seus dados ficarão guardados somente com as pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Todo o material com as suas informações ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído depois de 5 anos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra ficará com você.

---

### Assentimento

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG \_\_\_\_\_, (se já tiver o documento), fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. A pesquisadora deu-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante

## Apêndice 1

### Roteiro do grupo focal

#### a) Os pensamentos da bexiga murcha

1. Por que Belinda tinha muito medo e ficava preocupada?
2. Como Belinda se sentiu quando a menininha a soltou e ela saiu voando?
3. O que vocês acham que Belinda pensou quando o menino conseguiu pegá-la e a abraçou?
4. O que vocês acham que mudou para Belinda quando ela foi para casa com a família nova?
5. A história termina contando que Belinda teve “uma velhice feliz e morreu sem dor e sem medo”. Por que vocês acham que isso aconteceu?

#### b) Meu filho pato

1. A mulher cuidava muito bem do patinho e dos outros animaizinhos dela. Por que vocês acham que ela tinha tanto cuidado com eles?
2. A mulher tentou evitar que acontecesse um acidente com o patinho, mas não deu muito certo. Por que vocês acham que isso aconteceu? Vocês teriam feito alguma coisa diferente?
3. A mulher não brigou com o cachorro Moreno depois que ele comeu o patinho. Por que vocês acham que ela não fez isso? O que vocês fariam no lugar dela?

#### c) Vira-vira

1. No poema o autor fala de várias coisas que morrem, às vezes todos os dias, como a flor que vira um perfume ou o trigo que vira o pão. Vocês se lembram de alguma vez ter ouvido falar sobre alguma coisa que morreu?
  2. O que faz as coisas morrerem? E o que vocês acham que pode acontecer depois que elas morrem?
  3. No poema ele também fala das pessoas que se vão e viram saudade. Vocês também já viram alguém muito querido ir embora? Como vocês se sentiram?
  4. O poema termina falando que “da saudade nasce outra espécie de vida”. O que vocês entendem sobre isso?
- d) O que vocês acharam sobre participar desta conversa?**